

JENNIFER TEEGE

e NIKOLA SELLMAIR

AMON

O MEU AVÔ

PODIA TER-ME

MATADO

A HISTÓRIA EXTRAORDINÁRIA DA MULHER QUE UM DIA DESCOBRE QUE
É NETA DE AMON GÖTH, O BRUTAL COMANDANTE NAZI IMORTALIZADO

NO FILME *A LISTA DE SCHINDLER*.

v o g a i s

Para Y

ÍNDICE

Prólogo	A Descoberta.....	11
Capítulo 1	Eu, Neta de Um Assassino em Massa	15
Capítulo 2	Dono e Senhor do Campo de Płaszów: o Avô Amon Göth	31
Capítulo 3	A Mulher do Comandante: a Avó Ruth Irene Kalder	67
Capítulo 4	Uma Vida com os Mortos: a Mãe Monika Göth.....	103
Capítulo 5	Os Netos das Vítimas: Amigos em Israel.....	157
Capítulo 6	Flores em Cracóvia.....	197
Informações Adicionais na Literatura, em Filmes e na Internet.....		
		213
	Índice de Fontes das Fotografias.....	219

PRÓLOGO

A DESCOBERTA

Foi o olhar daquela mulher, parecia-me conhecê-lo de algum lado. Estou na Biblioteca Central de Hamburgo e seguro na mão um livro de encadernação vermelha que acabo de retirar da estante. A capa ostenta o retrato a preto-e-branco de uma mulher de meia-idade. O seu olhar é pensativo, algo forçado, desprovido de alegria. Os cantos da boca curvam-se para baixo. Parece infeliz.

Passo os olhos pelo subtítulo: «A história de vida de Monika Göth, filha do comandante do campo de concentração de *A Lista de Schindler*.» Monika Göth! Conheço este nome. É assim que a minha mãe se chama. A minha mãe, que em tempos me entregou no orfanato e que já não vejo há tantos anos.

Também eu tive em tempos o nome «Göth», nasci com ele, escrevia «Jennifer Göth» nos meus primeiros cadernos da escola — até que a minha mãe me entregou para adoção e, mais tarde, assumi os apelidos dos meus pais adotivos. Tinha na altura 7 anos.

O que faz o nome da minha mãe neste livro? Fico a olhar fixamente para a capa. Em segundo plano, apenas como uma sombra, parcamente reconhecível atrás da foto a preto-e-branco da mulher, está um homem de boca aberta e de arma na mão. Deve ser o comandante do campo de concentração. Abro apressadamente o livro e começo a folheá-lo, primeiro lentamente, e depois cada vez mais depressa. Não tem apenas texto, mas também muitas fotografias. As pessoas

que vejo nas imagens... não as terei visto antes? Uma mostra uma mulher jovem e alta de cabelo escuro, faz-me lembrar a minha mãe. Noutra, uma mulher mais velha surge sentada no Jardim Inglês, em Munique, com um vestido de verão às flores. Tenho poucas fotografias da minha avó, conheço de cor cada uma delas: numa, ela usa precisamente este vestido. No livro, por baixo da fotografia, lê-se «Ruth Irene Göth». Era esse o nome da minha avó.

Esta será a minha família? São fotografias da minha mãe e da minha avó? Mas não, isto é absurdo: não pode ser, não pode existir um livro sobre a minha família e eu não saber de nada!

Rapidamente, continuo a folhear. Mesmo no fim, na última página do livro, encontro uma biografia, que começa assim: Monika Göth, nascida em 1945, em Bad Tölz. Conheço estes dados. Dos meus documentos de adoção. Aqui estão eles, preto no branco. É mesmo a minha mãe. O livro fala da minha família.

Fecho o livro. Silêncio à minha volta. Algures na sala de leitura, alguém tosse. Quero sair daqui, depressa, quero estar sozinha com este livro. Agarro-me a ele como a um tesouro precioso, desço as escadas e faço a requisição. Nem me apercebo da cara da bibliotecária, na direção de quem deslizo o livro. Saio para uma grande praça em frente da biblioteca. Os meus joelhos cedem. Deito-me num banco, fecho os olhos. Atrás de mim, corre o ruído do trânsito.

Tenho o carro ali em frente, mas não estou capaz de conduzir. Levanto-me várias vezes a refletir se deverei continuar a ler. Só a ideia já me apavora. Quero ler o livro em casa, em sossego, de fio a pavio.

É um dia quente de agosto, mas tenho as mãos geladas. Marco o número do meu marido: «Tens de vir buscar-me, encontrei um livro. Sobre a minha mãe e a minha família.»

Porque é que a minha mãe nunca me disse nada? Continuo a valer assim tão pouco? Quem é este Amon Göth? O que fez ele, exatamente? Porque não sei nada dele? Como é que era mesmo a história de *A Lista de Schindler*, com os judeus de Schindler?

Já vi o filme há muito tempo. Lembro-me ainda de que o vi em meados dos anos 90, quando estudava em Israel. Todos falavam do

drama de Steven Spielberg sobre o Holocausto. Só o vi mais tarde, na televisão israelita, sozinha no quarto da minha residência de estudantes na Rehov Engel, a Rua Engel, em Telavive. Recordo-me ainda de ter achado que era um filme comovente; no fim, a tender para o piroso, demasiado à Hollywood.

A Lista de Schindler, para mim, era apenas um filme, não tinha nada que ver comigo.

Por que razão ninguém me contou a verdade? Toda a gente me mentiu estes anos todos?

CAPÍTULO 1

EU, NETA DE UM ASSASSINO EM MASSA

Na Alemanha, o Holocausto é uma história de família.

(RAUL HILBERG)

Nasci a 29 de junho de 1970, filha de Monika Göth e de pai nigeriano. Tinha quatro semanas de vida quando a minha mãe me levou para um orfanato católico. Cresci à guarda de freiras.

Aos 3 anos, fui para uma família de acolhimento, que me adotou quando eu tinha 7. Tenho a pele escura, os meus pais e os meus dois irmãos adotivos são brancos. Qualquer um conseguia ver que eu não podia ser filha biológica. Mas os meus pais adotivos declararam sempre que me amariam exatamente como aos seus filhos verdadeiros. Brincavam, faziam trabalhos manuais e praticavam desporto em grupos de crianças e adultos, comigo e com os meus irmãos. Em criança, ainda mantive algum contacto com a minha mãe e a minha avó biológicas, mas depois perdeu-se. Eu tinha 21 anos da última vez em que vi a minha mãe.

E agora, aos 38, encontro este livro. Porque haveria de o tirar de entre centenas de milhares de livros? Será que o destino existe mesmo?

O dia começara normalmente. O meu marido tinha ido para o escritório, eu tinha levado os meus filhos ao infantário e fui até ao centro da cidade. Queria passar num instante na biblioteca. Venho aqui muitas vezes. Gosto da tranquilidade concentrada, dos passos silenciosos, do sussurrar das páginas dos livros, das costas curvadas dos leitores. Andara à procura de informação sobre a depressão na secção de psicologia. A meia altura, entre *A Arte de Amar*, de Erich Fromm, e um livro com um título universal, algo como *É na Crise que*

Reside a Força, lá estava o livro com a capa vermelha. Na lombada, lia-se: «Matthias Kessler: *Tenho de Amar o Meu Pai, Não É?*» O nome do autor não me dizia nada, mas o título soou-me interessante. E, por isso, puxei o livro para fora.

O meu marido, Götz, encontra-me deitada no banco em frente à biblioteca. Senta-se ao meu lado, olha para o livro, folheia-o brevemente. Tiro-lho rapidamente das mãos. Não quero que o leia antes de mim. O livro é meu, é a chave para a história da minha família. A chave para a minha vida, que procurara ao longo de todos aqueles anos.

Durante toda a minha vida, senti sempre que algo não batia certo: a minha tristeza, as depressões. Mas, simplesmente, não conseguia descortinar o que estava tão fundamentalmente errado.

Götz agarra-me na mão e caminhamos até ao seu carro. Praticamente não falo no percurso até casa. O meu marido tira o resto do dia para cuidar dos nossos dois filhos.

Deixo-me cair na cama, leio sem parar, até à última página. Já escureceu quando fecho o livro. Sento-me ao computador e faço pesquisas durante a noite inteira, leio tudo sobre Amon Göth, tudo o que consigo encontrar. É como se tivesse acabado de entrar numa câmara de horrores.

Leio sobre as evacuações dos guetos que ordenou na Polónia, os seus assassínios sádicos, os seus cães treinados para atacarem seres humanos. Só agora tomo consciência da dimensão dos crimes cometidos por Amon Göth. Himmler, Goebbels, Göring — estas figuras vêm-me de imediato à mente. Eu não sabia o que fizera exatamente Amon Göth. Aos poucos, vou percebendo que a figura cinematográfica em *A Lista de Schindler* não era ficção, mas sim um exemplo real de carne e osso. O meu avô. Um homem que matava pessoas em série e a quem isso, ainda por cima, dava prazer. Sou neta de um assassino em massa.

*

Jennifer Teege fala com uma voz sombria e quente, com um leve sotaque de Munique, um «erre» que se enrola ligeiramente. O rosto tem

traços definidos e apresenta-se sem maquilhagem; os cabelos, que na verdade são crespos, foram alisados e formam grandes caracóis pretos, calças justas cobrem-lhe as pernas longas e delgadas. Quando entra numa sala, as cabeças voltam-se, os homens acompanham-na com o olhar. Anda muito direita, tem o passo firme e decidido.

Os amigos descrevem Jennifer Teege como uma mulher confiante, muito curiosa e com gosto pela aventura. Uma amiga da faculdade diz sobre ela: «Quando ouvia falar de um país empolgante, declarava bem alto: Ainda não conheço, vou até lá! E fazia-se ao caminho, rumo ao Egito, ao Laos, ao Vietname ou a Moçambique.»

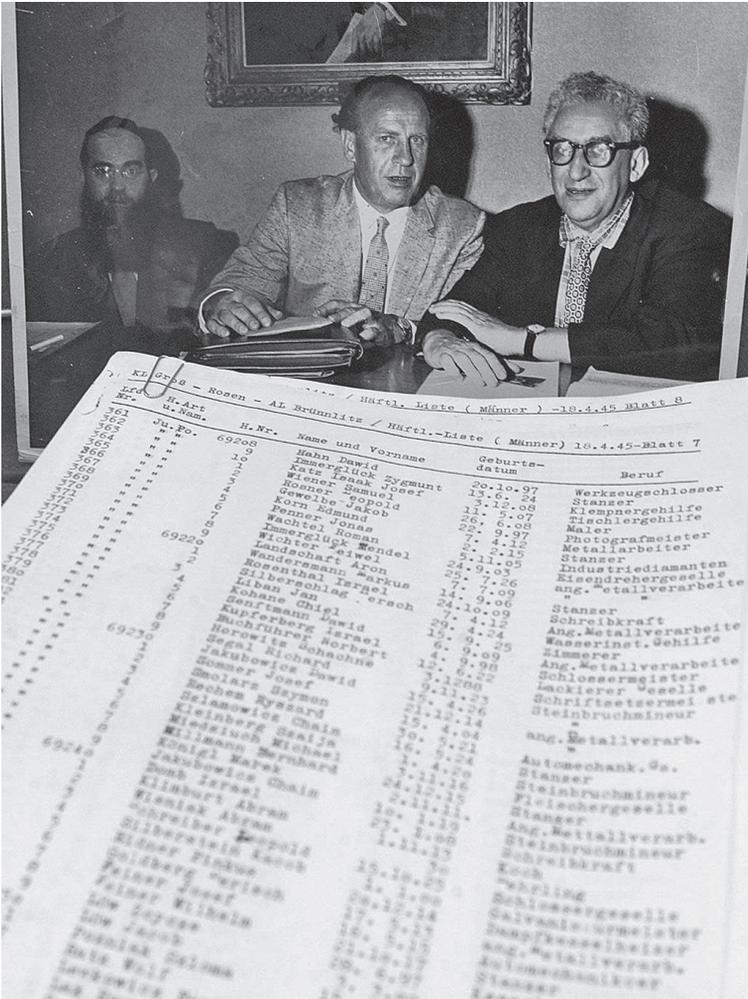
E, contudo, quando fala da sua história familiar, as mãos tremem-lhe sempre, e chora.

A descoberta daquele livro com a referência de biblioteca *Mcm O GOET#KESS* marca o momento que rasga a vida de Jennifer Teege, que a separa num antes e num depois: antes, quando nada sabia sobre as suas origens; depois, com o conhecimento da história da sua família.

O mundo inteiro conhece a história do seu avô: no filme *A Lista de Schindler*, de Steven Spielberg, Amon Göth, o cruel comandante do campo de concentração, é companheiro de copos e rival de Oskar Schindler, da mesma idade: assassino de judeus *versus* salvador de judeus. Uma cena do filme ficou impregnada na memória cultural: Amon Göth na varanda da sua moradia a disparar contra os prisioneiros, naquilo que para ele era uma espécie de exercício matinal.

Na qualidade de comandante do campo de concentração de Płaszów, em Cracóvia, Amon Göth foi responsável pela morte de milhares de pessoas. Foi enforcado em 1946, em Cracóvia; as cinzas foram lançadas ao rio Vístula. A companheira de Amon Göth, Ruth Irene, a amada avó de Jennifer Teege, negou mais tarde os seus crimes. Suicidou-se em 1983 com comprimidos para dormir.

A história alemã de Jennifer Teege: um avô criminoso nazi, uma avó simpatizante. A mãe cresceu com o pesado silêncio do pós-guerra. É esta a sua família. São estas as suas raízes, que ela, uma criança adotada, sempre quis encontrar. E ela, quem é ela, então?



Um original da lista de Schindler, encontrado em 1999 no sótão de uma casa em Hildesheim, à frente de uma fotografia de Oskar Schindler (ao centro).

*

Questiono agora tudo o que estruturou a minha vida até esse momento: a relação próxima com os meus irmãos adotivos, as minhas amizades em Israel, o meu casamento, os meus dois filhos. A minha vida inteira foi uma mentira? Sinto-me como se tivesse andado pela vida com um nome falso, como se tivesse enganado toda a gente.

E, no entanto, foi a mim que mentiram: sobre a minha própria história. A minha infância. A minha identidade. Já não sei a quem pertença. À minha família adotiva ou à família Göth? Não tenho escolha: sou uma Göth.

Largar o nome Göth aos 7 anos, após a adoção, pareceu-me fácil. Foi emitido um documento. Os meus pais adotivos perguntaram se concordava com a mudança de nome. Eu disse que sim. Depois disso, não ousei voltar a perguntar pela minha mãe biológica. Queria ter, por fim, uma família normal.

Nas minhas pesquisas sobre Amon Göth, deparo na Internet com uma reportagem, através de um programa do canal cultural «arte»: um realizador de cinema norte-americano documentou o encontro entre a minha mãe e Helen Rosenzweig, que tinha sido prisioneira no campo de concentração e trabalhara como criada na moradia do meu avô. Por acaso, o filme é emitido na noite seguinte, em estreia absoluta na televisão alemã.

Primeiro, o livro, agora este filme — é tudo excessivo, surge tudo demasiado depressa.

Acompanhada do meu marido, sento-me à noite em frente ao televisor. Logo de início, aparece a minha mãe. Inclino-me, quero vê-la bem: qual o seu aspeto, como se mexe, como fala? Sou parecida com ela? Tem agora os cabelos pintados de louro acobreado, parece amargurada. Gosto da forma como se expressa. Quando eu era pequena, para mim ela era simplesmente a minha mãe. As crianças não repararam se uma pessoa é simples ou instruída. Só agora me dou conta: a minha mãe é uma mulher inteligente, diz coisas interessantes.

O documentário mostra também uma cena central de *A Lista de Schindler*, em que a encarregada de obra judia informa o recém-nomeado comandante Amon Göth de que os planos das barracas do campo não foram devidamente elaborados — altura em que Amon Göth, representado por Ralph Fiennes, ordena que a mulher seja simplesmente executada. Ela ainda diz: «Senhor Comandante, estou apenas a tentar fazer corretamente o meu trabalho.» Ao que Fiennes, no papel de Göth, responde: «Eu também.»

Agora já me lembro melhor do filme. A cena abalou-me, já que mostra tão claramente algo que mal conseguimos imaginar: no campo de concentração, não há limites nem limiares de inibição, a razoabilidade e a humanidade foram abolidas.

O que faço eu agora com este avô, com a minha pele escura e amigos em todo o mundo? Foi ele quem destruiu a minha família? Terá a sua sombra descido, primeiro, sobre a minha mãe e, por fim, sobre mim? Será possível que um morto possa continuar a exercer poder sobre os vivos? Será que as depressões que há tanto tempo me assolam também têm que ver com as minhas origens? O facto de ter vivido e estudado cinco anos em Israel — terá sido um acaso ou o destino? Terei de passar a conversar de outra forma com os meus amigos judeus, agora que sei que o meu avô assassinou os seus familiares?

Tenho sonhos: nado num mar escuro, de águas viscosas como alcatrão. De repente, ao meu lado, cadáveres vêm à tona. Figuras macérrimas, quase esqueletos, já que lhes foi roubada toda a humanidade.

Por que razão a minha mãe não considerou necessário informar-me sobre as minhas origens? Como pode falar a outras pessoas de coisas que seria imprescindível também eu saber? Nunca me contou a verdade. Mas eu preciso da verdade. Recordo, inevitavelmente, a famosa frase de Theodor W. Adorno: «Não há nenhuma vida reta na falsa.»¹ O objetivo na altura era outro, mas agora parece encaixar perfeitamente na minha vida.

A nossa relação era difícil, os nossos encontros eram esporádicos — mas, apesar de tudo, trata-se da minha mãe. No livro sobre Monika Göth, faz-se igualmente referência a 1970, o ano do meu nascimento. A minha mãe não tem uma palavra a dizer sobre mim. É como se me matasse com o seu silêncio.

Observo frequentemente a fotografia no livro, que se parece com a memória que guardo dela da infância. No mais fundo do meu ser, começam a abrir-se gavetas, uma após a outra: toda a minha infância

¹ Theodor W. Adorno, *Minima Moralia*, Edições 70, janeiro de 2017. Tradução de Artur Morão. [N. da T.]

vem à tona, os sentimentos do período passado no orfanato. A ausência de esperança e a solidão.

Sinto-me novamente desamparada como uma criança pequena e desiludida e deixo de conseguir estruturar a minha vida.

Quero dormir, apenas dormir, muitas vezes fico na cama até ao meio-dia. Tudo me é excessivo: ter de me levantar da cama, ter de falar. Até escovar os dentes é um suplício. O atendedor de chamadas está ligado, mas não consigo devolver as chamadas de ninguém. Já não me encontro com amigos, recuso convites. Sobre o que poderia conversar, o que poderia fazer-me rir? Continuo a só conseguir perspetivar a minha família como se fosse através de uma montra de vidro grosso. Como fazer com que me compreendam? Eu própria não compreendo o que se passa comigo.

De repente, já não consigo suportar quando alguém bebe uma cerveja ao meu lado. Quando me chega o cheiro a cerveja, tenho de vomitar: o odor faz-me lembrar o primeiro marido da minha mãe. Passava a maior parte do tempo embriagado e, sob o efeito do álcool, batia na minha mãe.

Nas duas semanas seguintes, praticamente não saio de casa. Por vezes, consigo vestir umas calças de ganga em vez das de fato de treino, mas, no momento seguinte, sou novamente invadida por aquele cansaço e pergunto-me: para que é que tomei duche e me vesti, se nem sequer vou sair de casa?

O meu marido ocupa-se o máximo possível dos miúdos, trata das compras grandes ao fim de semana, enche a arca congeladora, cozinha antecipadamente. Não queria pôr simplesmente os meus filhos a passar a tarde em frente à televisão, porque, nesse caso, sentir-me-ia uma mãe desnaturada. Opto, antes, por encomendar na Internet uma caixa de *Lego* — e, assim, os meus filhos ficam ocupados durante algumas horas e eu posso descansar.

Depois, experimento sair novamente de casa, cuidar da minha família. Mas a verdade é que me vou abaixo com as coisas mais simples. No centro comercial, a presença de tanta gente põe-me nervosa. Fico a olhar, desorientada, para os diversos tipos de café. Mas não é,

na verdade, muito mais urgente ir aos correios? Vou ao posto dos correios, mas a fila é demasiado longa. Corro então de volta ao supermercado, para a prateleira do café. A verdade é que também preciso de levar leite e pão. Mas o almoço é muito mais importante, como vou conseguir arranjar isso agora tão rapidamente? Está a fazer-se tarde, não tarda nada tenho de ir buscar os miúdos ao infantário, a pressão aumenta. A minha cabeça é a minha prisão. Uma vez mais, não consegui chegar a lado nenhum.

Eu própria não tive uma mãe como deve ser e queria dar aos meus filhos aquilo de que tinha sido privada. Mas agora deixo-os sozinhos. Preparo-lhes os pães, aqueço-lhes uma refeição congelada. Coisas simples e práticas. Não mais do que isso. O meu filho mais velho, Claudius, procura a minha proximidade. Enrosca-se em mim à noite e envolve-me com a sua conversa, fala depressa, sem pontos nem vírgulas, para que não haja nenhuma pausa em que eu possa novamente afastar-me. Tento concentrar-me nele, mas não consigo. De vez em quando, aceno alheadamente com a cabeça, para que pense que estou atenta. Mas o que me apetecia mesmo era enfiar, simplesmente, a cabeça por baixo da manta.

Mas, porque é que eu não descobri que era neta de Lorient?²

*

Qualquer pessoa que seja familiar de Joseph Goebbels, Heinrich Himmler, Hermann Göring ou de Amon Göth é forçado a confrontar-se com a sua história familiar. Mas, e então todos os outros, os muitos e anónimos simpatizantes e cúmplices no crime?

O psicólogo social Harald Welzer, no seu estudo «O avô não era nazi», chegou à seguinte conclusão: a geração dos netos, atualmente com 30 a 50 anos, conhece, na sua maioria, os factos sobre o Holocausto e rejeita ainda com mais determinação a ideologia nacional-socialista, em comparação com a geração anterior. Contudo, este olhar acutilante está unicamente orientado para a realidade

² Desenhador e humorista alemão. [N. da T.]

política, e não para a vida privada: são precisamente os netos quem elogia o papel desempenhado pelos seus antepassados, sendo que dois terços dos inquiridos os moldam, até, como heróis da resistência ou vítimas do regime nacional-socialista.

Mas o que o próprio avô terá feito na realidade, isso é algo que muitos não sabem. O Holocausto é, para eles, um pedaço das aulas da escola, uma ritualizada história de vitimização no cinema e na televisão. Mas não é a história da sua própria família, a sua própria história. Tantos cândidos avôs, tantos segredos de família recalçados. E quando, muito em breve, as últimas testemunhas daquela época já tiverem morrido, será, sem dúvida, demasiado tarde para os netos lhes perguntarem e saberem ao certo.

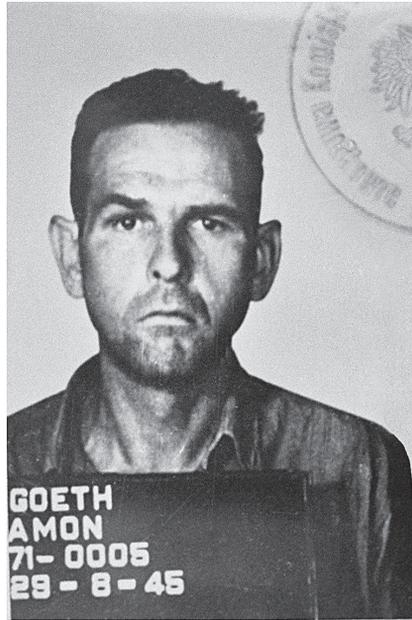
*

Quando era pequena, olhava-me ao espelho e via de imediato que era diferente: como era escura a minha pele, os meus cabelos tão eriçados. A toda a minha volta, apenas pequenos lourinhos: os meus pais e os meus dois irmãos adotivos. Eu, pelo contrário, era uma criança muito alta, de pernas finas e cabelo preto. Na altura, nos anos 70, eu era a única rapariga negra em Waldtrudering, um bairro tranquilo e verde da cidade de Munique, onde vivia com a minha família adotiva. Na escola, cantavam *Zehn kleine Negerlein*³. Desejava que ninguém se virasse para mim. Que ninguém se desse conta de que eu, na realidade, não pertencia ali.

Depois daquele dia na biblioteca, voltei a olhar para o espelho, desta vez em busca de semelhanças. Tenho horror à ideia de pertencer aos Göths: os vincos entre o nariz e a boca são como os da minha mãe e do meu avô. Por momentos, penso: tenho de preencher estas pregas, apagá-las com laser, tirá-las a bisturi!

Sou alta, como a minha mãe, como o meu avô. Quando quiseram enforcar Amon Göth no final da guerra, o carrasco teve de encurtar duas vezes a corda. Tinha subestimado a estatura de Göth.

³ Título de canção infantil, traduzido à letra como «Dez pequenos negrinhos». [N. da T.]



Amon Göth, em 1945, após a sua detenção pelos americanos.

Há uma filmagem histórica que mostra o modo como foi executado o meu avô. Pretendia-se documentar que ele estava realmente morto. Só à terceira tentativa conseguiram, finalmente, que pendesse na corda, com o pescoço partido. Quando vejo a cena, não sei se me ria, se chore.

O meu avô era um psicopata, um sádico. Personifica tudo o que abomino: que tipo de pessoa é preciso ser-se para se sentir prazer em martirizar e matar outros, se possível de forma imaginativa? Nas minhas pesquisas, não encontro qualquer tipo de explicação para ele se ter tornado numa pessoa assim. Em criança, ainda parecia ser absolutamente normal.

A questão do sangue: o que terei herdado dele? Será que a sua cólera se revela em mim e nos meus filhos? O livro sobre a minha mãe diz que ela esteve sob tratamento psiquiátrico. Refere, também, que a minha avó guardava no armário da casa de banho pequenos comprimidos cor-de-rosa com o nome «Omca». Descubro que se trata

de antipsicóticos, daqueles que se usa em depressões, distúrbios de ansiedade e alucinações.

Deixo de confiar em mim mesma: será que também vou enlouquecer? Será que já estou louca? À noite, acordo com sonhos terríveis. Num desses sonhos, estou na ala psiquiátrica, a fugir pelos corredores, salto para o pátio por uma janela e consigo, finalmente, escapar.

Marco consulta com a terapeuta que já tratou antes as minhas depressões, quando ainda vivia em Munique, e viajo até à Baviera para me encontrar com ela.

Antes da consulta, ainda me sobra tempo: vou até a Hasenberg, um bairro pobre de Munique. Foi aqui que viveu a minha mãe biológica. Por vezes, ela trazia-me para casa dela ao fim de semana. Tem ainda o mesmo aspeto da altura, embora as fachadas das casas sejam agora mais coloridas, os sujos cinza e bege foram pintados com amarelo e cor de laranja. Nas varandas, há roupa a secar, no relvado, há lixo. Estou parada à frente do prédio de apartamentos arrendados onde a minha mãe vivia. Uma pessoa sai do prédio e abre-me a porta. Percorro os vários pisos, tento lembrar-me do andar em que ela vivia, era certamente o segundo. Sinto uma angústia que me é familiar. Nunca me senti bem aqui.

Em seguida, apanho o metropolitano e vou até Schwabing, passo pela Josephsplatz, com a sua antiga e bonita igreja, e dirijo-me à Schwindstraße. Num edifício antigo, com um castanheiro no pátio traseiro, está a antiga casa da minha avó. A porta está aberta, subo as escadas de madeira até ao topo. A minha avó foi a primeira pessoa que me deu consolo e proteção. Mas o livro sobre a minha família roubou-me o sentimento positivo que eu nutria por ela. Quem era aquela mulher que, durante um ano e meio, viveu ao lado do meu avô numa moradia instalada no campo de concentração de Płaszów?

Combinei também ir ao serviço de proteção de menores. A funcionária é muito simpática e esforça-se por me ajudar. Só posso ler partes do processo. Pergunto-lhe se está indicado algures se, em criança, eu teria algum tipo de distúrbio mental.

Estou completamente às escuras quanto a informações que, para as outras pessoas, são evidentes: se um médico me perguntar que doenças há na minha família, nunca saberei responder. Também não sei se tive uma chupeta quando era bebê, quais as canções que gostava de trautear ou qual foi o meu primeiro boneco de peluche. Não tive uma mãe a quem pudesse perguntar tudo isso mais tarde.

Não, diz a senhora do serviço, o processo não faz qualquer referência a comportamentos fora do comum; terei sido uma criança feliz e com um desenvolvimento normal.

Chego mesmo à hora ao consultório da minha antiga terapeuta. O que eu queria saber dela era o seguinte: qual foi na altura o seu diagnóstico: eu sofria, realmente, apenas de uma depressão ou teria outras perturbações mais graves? Pareço-lhe bem agora? Ela tranquiliza-me: no meu caso, diagnosticou apenas depressões e nunca qualquer outro problema. Mas reconhece não se sentir capaz de lidar com o meu problema atual e encaminha-me para um colega de Munique, Peter Bründl.

*

O psicanalista Peter Bründl ainda se recorda bem de Jennifer Teege: «Aparece-me uma mulher alta, bonita e confiante, que me faz perguntas muito específicas: “Como lido com a minha história?”» Bründl, um senhor de mais idade, fato preto e barba cerrada grisalha, já acompanhou no seu consultório, situado num apartamento antigo de Munique, alguns netos de criminosos nazis. E diz: «A violência e a brutalidade deixam marcas profundas nas gerações seguintes. No entanto, aquilo que nos fere não são os atos em si, mas sim o silêncio que se gera em seu redor. A funesta conspiração de silêncio nas famílias dos criminosos, muitas vezes ao longo de gerações.»

A culpa não é hereditária, ao contrário dos sentimentos de culpa. Inconscientemente, os filhos dos criminosos transmitem aos seus filhos sentimentos de medo, vergonha e culpa, afirma Bründl. É algo que afeta mais famílias na Alemanha do que se possa pensar.

O caso de Jennifer Teege era especial, já que, na opinião de Bründl, sofreu um duplo trauma: «A adoção e, mais tarde, a descoberta da história da sua família.»

Peter Bründl diz: «É terrível aquilo por que a Sra. Teege passou. Desde logo, o modo como foi gerada tratou-se de uma provocação: a mãe, Monika Göth, teve um filho com um nigeriano. No início dos anos 70, em Munique, isto era tudo menos vulgar. E, para a filha de um comandante de um campo de concentração, era algo inaudito.»

Conta Peter Bründl que, com frequência, os netos de nazis chegavam até ele devido a problemas totalmente diferentes: depressões, o desejo insatisfeito de ter filhos, distúrbios alimentares ou medo de fracasso profissional. Peter Bründl encoraja-os a analisar minuciosamente o seu passado e a demolir o edifício de mentiras construído pela família: «Depois disso, podem viver a sua própria vida, a sua vida autêntica.»

*

O Sr. Bründl envia-me para o Instituto de Psiquiatria da Clínica Universitária de Hamburgo. Contudo, não é possível contactar o especialista que me recomenda. A cada dia que sou obrigada a esperar, vou ficando cada vez mais desesperada. Sei que preciso de ajuda profissional e que o meu caso ultrapassa as capacidades de todos os outros. De tempos a tempos, expludo, ponho-me a gritar com Götz ou os miúdos. Já não consigo conter-me, já não consigo manter-me equilibrada.

Quando, um dia, de manhã, começo a chorar logo ao levantar, os meus filhos perguntam: «Mamã, o que se passa?» «Nada», respondo, entre soluços, e dirijo-me ao serviço de urgência psiquiátrica do Hospital Universitário de Hamburgo. O médico de serviço receitou-me antidepressivos. Tomo-os logo nesse dia.

Nas semanas seguintes, recomponho-me superficialmente. E depois, lá consigo, por fim, a consulta com o terapeuta que me foi recomendado. Recebe-me numa austera sala de professor. Mas reconhece a minha urgência interior. Quando lhe conto a minha história,

chora comigo. Com ele, sinto que estou em boas mãos. O meu terapeuta não voltará a chorar, mas irá acompanhar-me ao longo dos meses seguintes.

Começo novamente a correr. Desde sempre que gosto de estar sozinha. Viajava sozinha, corria sozinha. Há um trilho num bosque de Hamburgo que aprecio muito. Começo sob a sombra do bosque, corro depois pelos campos e passo por prados com cavalos. Depois, atravesso os lotes de hortas urbanas, com anões de jardim entre os canteiros de flores: um mundo que clama saúde tem algo que nos comove. No fim, sinto a cabeça liberta.

A minha família adotiva ainda não sabe de nada. No Natal, irei, por fim, contar-lhes. Vamos encontrar-nos em Munique, em casa dos meus pais adotivos.

A minha prenda de Natal: vou oferecer um exemplar do livro sobre a minha mãe e, além disso, a única biografia de Amon Göth, um volume grosso, redigido por um historiador de Viena.

Os meus pais adotivos, Inge e Gerhard, a quem já não posso chamar mamã e papá, ficam surpresos e chocados. No início, logo após a descoberta do livro, suspeitei de que sabiam tudo sobre a minha família biológica e que não tinham simplesmente pretendido perturbar-me. Que também me teriam enganado. Mas depressa desfiz as dúvidas: não me teriam ocultado algo tão essencial. A sua reação agora mostra-me que eu tinha razão: também não sabiam de nada.

Os meus pais adotivos tiveram sempre dificuldade em falar sobre sentimentos. Agora, encontram um escape em pormenores académicos: faltam notas de rodapé na biografia de Amon Göth, censura o meu pai adotivo. E pergunta: O número de mortos está de acordo com os de outras fontes? Tenho a minha vida de pernas para o ar e os meus pais adotivos discutem notas de rodapé! Pelo contrário, os meus irmãos adotivos, Matthias e Manuel, compreendem de imediato o significado que aquele livro tem para mim.

*

A mãe adotiva de Jennifer Teege, Inge Sieber, ainda consegue ver perfeitamente Jennifer sentada no sofá naquela noite de Natal e a lutar com as palavras: «A Jenny tinha anunciado que havia algo importante para conversarmos. Mas, depois, começou por não dizer nada, fitava-nos simplesmente e, de repente, desfez-se em lágrimas. Intuí que algo terrível se teria passado.» Quando Inge Sieber tomou conhecimento de toda a história, de início não soube como lidar com tudo aquilo: «Tiraram-nos o chão de debaixo dos pés, a mim e ao meu marido.»

O irmão adotivo de Jennifer Teege, Matthias, não consegue dormir nessa noite de Natal: «A sorte da Jenny dava-me a volta à cabeça. Este livro tinha-lhe aberto todo um outro mundo. O seu outro eu. Pôde ver de onde vinha. Ela remoía muito os pensamentos sobre o avô, mas ainda mais sobre as mulheres da família, a avó e a mãe.»

De repente, Jennifer já não se via tanto como filha dos seus pais adotivos, mas sim como pertencente à sua família biológica. Isso magoou muito os pais adotivos, considera Matthias.

Quanto a ele, ficou muito preocupado com a irmã: «Ela estava tão abatida, tão em baixo, nunca antes a tinha visto assim. A verdade é que, para mim, ela era sobretudo uma pessoa forte. Dos três irmãos, foi sempre a mais corajosa; a mais autoconfiante.»

*

Nos meses seguintes, a par do meu marido, o meu irmão Matthias torna-se no meu mais importante interlocutor e está sempre a pesquisar novos pormenores sobre a família Göth.

As minhas amigas israelitas, Noa e Anat, enviam mensagens de correio eletrónico: «Jenny, por onde andas, porque não dás notícias?» Não respondo. Faltam-me a força e as palavras. Não quero magoar as minhas amigas. Já não sei ao certo em que lugares perderam familiares no Holocausto. Tenho de lhes perguntar. E o que faço se responderem que foi «no campo de Płaszów»?

As vítimas de Amon Göth... para mim, a verdade é que não são abstratas, não são uma massa anónima. Quando penso nelas, vejo

à minha frente os rostos das pessoas idosas que conheci no Goethe-Institut, quando estudava em Israel: sobreviventes do Holocausto, que queriam ouvir e falar de novo alemão, a língua da sua antiga terra natal. Alguns tinham problemas de olhos, por isso eu lia-lhes jornais e romances alemães. Nos seus antebraços, vi tatuados os números dos campos de concentração. Pela primeira vez, senti a minha nacionalidade alemã como algo errado, como se tivesse de pedir desculpa. Mas, eu estava bem disfarçada, com a cor escura da minha pele. Ninguém percebia que era alemã.

Como me teriam tratado estas pessoas se tivessem sabido que era neta de Amon Göth? Se calhar, não quereriam nada comigo. Se calhar, ao olhar para mim, tê-lo-iam visto a ele.

O meu marido diz-me: procura a morada da tua mãe, confronta-a com a tua revolta, com as tuas perguntas. E, de uma vez por todas, conta o que se passa às tuas amigas de Israel.

Ainda não, respondo. Quero pensar melhor. E tenho ainda de visitar campos num cemitério. Em Cracóvia.

É num livro de capa vermelha aninhado numa estante da Biblioteca Central de Hamburgo que Jennifer Teege reconhece o nome da mãe biológica e descobre um facto que viria a mudar para sempre a sua vida: o seu avô era Amon Göth, o sanguinário comandante nazi imortalizado por Ralph Fiennes no filme de Steven Spielberg, *A Lista de Schindler*.

Jennifer Teege é uma alemã de origem nigeriana que foi criada num orfanato e acabou por ser adotada aos 7 anos de idade. Apesar de ter mantido algum contacto com a família biológica, nem a mãe nem a avó alguma vez lhe contaram a verdade acerca do avô, o comandante do campo de Płaszów, que veio a ser enforcado em 1946 por crimes contra a Humanidade.

Aos 38 anos, a descoberta acerca do seu passado familiar provoca-lhe uma depressão profunda e o desejo de desenterrar toda a história, conduzindo-a numa demanda que a leva até Cracóvia — onde ficava o gueto que o avô «limpou» de judeus e o campo de concentração que dirigia — e de regresso a Israel, onde em tempos vivera e conhecera a realidade judaica. Quanto mais Jennifer descobre sobre o avô, mais é assolada por uma certeza: se soubesse que tinha uma neta negra, Amon Göth tê-la-ia matado.

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-668-445-7



9 789896 684457

Biografia/Memórias